



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE PORTO NACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E
SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS**

VITORIA CAROLINA DA SILVA SOUZA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE:
POR QUE AS MULHERES NEGRAS VIVEM EM DESVANTAGEM?**

**PORTO NACIONAL (TO)
2023**

VITORIA CAROLINA DA SILVA SOUZA

Monografia de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Porto Nacional (TO) – como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras Português e suas Respectivas Literaturas.

Orientador: Prof. Dr^a Lyanna Costa Carvalho.

PORTO NACIONAL (TO)

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

D229c Souza, Vitoria Carolina da Silva.

A condição da mulher negra na sociedade:: Por que as mulheres negras vivem em desvantagem? / Vitoria Carolina da Silva Souza. – Porto Nacional, TO, 2023.

35 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Porto Nacional - Curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, 2023.

Orientadora : Lyanna Costa Carvalho

1. Mulheres negras. 2. Subalternidade. 3. Periférica. 4. Fome. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).


VITORIA CAROLINA DA SILVA SOUZA

**A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE:
POR QUE AS MULHERES NEGRAS VIVEM EM DESVANTAGEM?**


Monografia de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Porto Nacional (TO) – como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Letras Português e suas Respectivas Literaturas, tendo sido aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 08/12/2023


Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 **LYANNA COSTA CARVALHO**
Data: 19/12/2023 18:12:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr.^a Lyanna Costa Carvalho (UFT)

Documento assinado digitalmente
 **VIVIANE CRISTINA OLIVEIRA**
Data: 19/12/2023 21:14:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Viviane Cristina Oliveira (UFT)

Documento assinado digitalmente
 **MARIA DA GLORIA DE CASTRO AZEVEDO**
Data: 08/02/2024 16:12:46-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria da Gloria de Castro Azevedo (UFT)

PORTO NACIONAL

2023

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus filhos Carlos Daniel e Helena e a meu esposo Vanderson, que foram minha força e inspiração para seguir em frente.

Aos meus pais, Carlos Roberto e Izidoria e às minhas irmãs Ligia Karla, Emanuela e Roberta Aparecida.

Dedico também a todas as mulheres negras que, em busca de uma vida digna e livre de preconceitos, abriram caminhos. Em memória de Carolina Maria de Jesus, que partiu sem o merecido reconhecimento.

Dedico, enfim, às mulheres negras que continuam a lutar por seu espaço na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Desejo expressar minha profunda gratidão a todos que desempenharam papéis fundamentais na realização deste Trabalho de Conclusão de Curso. Este trabalho não é apenas resultado do meu esforço individual; é também fruto do apoio e orientação valiosos que generosamente recebi.

Inicialmente, agradeço a Deus pelo dom da vida, pela capacidade e sabedoria que me proporcionaram concluir meu curso com êxito, repleto de aprendizados significativos. À minha família, dirijo um especial agradecimento pelo apoio emocional constante e pelo incentivo ao longo desse desafiador percurso acadêmico. Suas palavras de encorajamento constituíram um alicerce fundamental para a minha jornada.

À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Lyanna Costa Carvalho, expresso minha sincera gratidão por sua orientação paciente, trocas valiosas, sabedoria e apoio constante ao longo deste processo. Sua dedicação foi essencial para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Aos professores e colegas de curso, meu agradecimento pela troca de conhecimentos, debates enriquecedores e pelo ambiente acadêmico inspirador que moldou este trabalho. Agradeço também pelas risadas compartilhadas, que tornaram mais leve minha jornada acadêmica.

À banca examinadora, composta por Prof.^a Dr.^a Maria da Glória de Castro Azevedo e Prof.^a Dr.^a Viviane Cristina Oliveira, expresso minha gratidão por fazerem parte deste momento especial, trazendo novos conhecimentos e contribuições que enriqueceram positivamente a qualidade deste trabalho. A experiência de defender este trabalho perante uma banca tão qualificada é enriquecedora e estimulante.

Por fim, agradeço à instituição de ensino por proporcionar o ambiente propício para o meu desenvolvimento acadêmico e intelectual. Cada contribuição, independentemente de sua magnitude, foi crucial para a conclusão deste trabalho. A todos, minha eterna gratidão.

*Não digam que fui rebotinho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora,
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora.
Carolina Maria de Jesus*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os questionamentos sobre o papel da mulher negra dentro das obras *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, e *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo, trazendo a visão teórica de escritoras como Lélia González e Regina Dalcastagnè, que trazem relatos de como as mulheres negras vivem em posições subalternas e são sempre tratadas com inferioridade em relação às mulheres brancas, expondo a solidão vivenciada, o abandono, a vida precária e periférica. Nesse projeto, buscamos amplificar a voz e enaltecer o trabalho de autoras negras que abordam o tema com autenticidade, mostrando como é a realidade de diversas mulheres pretas e esquecidas por uma parcela da sociedade.

Palavras-chaves: Mulheres negras, subalternidade, periférica; Fome.

ABSTRACT

This work inquires about the role of black women in the literary works *Quarto de Despejo*, by Carolina Maria de Jesus, and *Olhos d'água*, by Conceição Evaristo, bringing forth the perspectives of theoretical writers such as Lélia González and Regina Dalcastagnè. These authors provide studies about how Black women live in subordinate positions and are consistently treated with inferiority in comparison to white women, exposing the loneliness experienced by them, the abandonment, and the precarious life in the peripheral areas they live. In this project, our goal is to amplify the voices and celebrate the work of Black authors addressing the topic authentically, revealing the reality of numerous overlooked and marginalized Black women.

Keywords: Black women, subalternity, peripheral; Hunger.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO.....	12
3 A MULHER NEGRA E MARGINALIZADA NAS OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS	15
4 UMA DISCUSSÃO SOBRE AS PROXIMIDADES E DIFERENÇAS ENTRE AS ESCRITAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO.....	18
5 A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS	21
5.1 A empregada doméstica	21
5.2 A prostituição.....	24
5.3 A mulher negra e o mundo do crime	25
5.4 Acesso à educação.....	27
5.5 A fome.....	29
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como foco principal mostrar como é a trajetória da mulher negra e a indiferença do tratamento que elas recebem em relação às mulheres brancas, com o objetivo de refletir como é a sua inserção social no contexto do Brasil. Para isso, discutiremos a literatura de Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo nas obras *Quarto de despejo* e *Olhos d'água*. A motivação para realização deste estudo é a importância do tema para nós brasileiros e brasileiras, pois buscamos mostrar e dar voz para as mulheres que vivem essa realidade e muitas vezes são esquecidas pela sociedade. Além disso, trazemos a visão de escritoras negras que lutam pela causa e buscam denunciar a precariedade e marginalidade da situação de pessoas negras, defendendo seus direitos e sua dignidade como seres humanos através da literatura.

Em diálogo com o olhar teórico de Lélia González e Regina Dalcastagnè, mostramos como os brancos tentam fazer uma domesticação dos corpos negros, como estes vivem em uma posição subalterna, pois não há, em um exemplo cotidiano facilmente perceptível para nós, vagas para mulheres negras em um escritório, limitando-se seu lugar à cozinha de um branco. Mostraremos o modo como elas são tratadas e o papel da literatura na busca pela quebra dessa desigualdade. Exibiremos aqui a força e garra que elas possuem nos textos literários e em nossa realidade.

A pesquisa sobre a condição da mulher negra no Brasil é de grande importância para que possamos mostrar a desigualdade em que elas viveram e vivem até os dias atuais, e enaltecer cada vez mais o trabalho das grandes escritoras negras, que dialogam com a realidade de tantas pessoas no Brasil.

2 PERCURSO TEÓRICO E METODOLÓGICO

O livro *Quarto de despejo* é um livro que me acompanha desde os estudos para o vestibular para o curso de Letras. Foi um livro que me encantou e gostaria de concluir meu curso falando sobre ele. Para complementar meu trabalho trago outra grande escritora com que tive contato durante a graduação, no componente “Literaturas das identidades periféricas”, que é Conceição Evaristo, com seu livro *Olhos d’água*.

Busco dar voz às mulheres negras, mostrar a força e a garra que elas possuem, e trazer mais sobre esse tema que tem grande relevância e muitas vezes cai no esquecimento. Precisamos abordar na graduação e na sociedade temas como esse e trazer as obras de escritoras negras que sofreram na pele a mesma realidade por que passam tantas mulheres hoje no Brasil. O preconceito racial ainda é percebido em nossa sociedade dia após dia e isso vai englobando diversos exemplos citados aqui, pois é a partir do preconceito com a cor da mulher que ela sofre tanta diminuição de sua capacidade. Com esse projeto busco alcançar e incentivar mais pessoas a falarem sobre o tema.

Essa é uma pesquisa aplicada, por se tratar de um tema como a busca da identidade de mulheres negras e o preconceito enfrentado por elas, se encaixa no que as autoras Gerhardt e Silveira (2009) p. 37 dizem sobre pesquisa aplicada: “Objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais”.

É uma pesquisa qualitativa, pois busca explicar e não quantificar ou trazer dados, os materiais analisados interagem na pesquisa e não tentam provar algo a partir de coletas de dados. Para Minayo (2001) p.34, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Essa é uma pesquisa exploratória pois é utilizada de artigos e livros para análise. Segundo Gil (2007) p. 37: Este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

A partir desses procedimentos, buscamos mostrar a formação da identidade da mulher negra no Brasil. Essa é uma pesquisa bibliográfica porque serão utilizados livros e artigos para a produção.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma

pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (GERHARDT & SILVEIRA, apud, FONSECA, 2002, p. 32).

Nas obras literárias escolhidas, buscamos mostrar o tratamento que as mulheres negras recebem, como se dá a inserção social das mesmas e a desigualdade em que vivem em diversos ambientes. Esse trabalho tem como público-alvo pessoas que tenham interesse pelo tema proposto e buscam lutar pela causa, contra o preconceito predominante em nossa sociedade.

O preconceito que as mulheres negras sofrem é algo frequente e que pode ser observado em diversos momentos e contextos no nosso dia a dia. A disparidade que elas enfrentam, por exemplo, quando buscam por um emprego, é inacreditável, visto que as melhores vagas não são ofertadas para uma preta. Notamos a desigualdade existente quando Regina Dalcastagnè cita o exemplo histórico de Crenshaw:

Na General Motors, os empregos disponíveis aos negros eram basicamente o de postos nas linhas de montagem. Ou seja, funções para homens. E, como ocorre frequentemente, os empregos disponíveis a mulheres eram empregos nos escritórios, em funções como a de secretária. Essas funções não eram consideradas adequadas para mulheres negras (DALCASTAGNÈ, 2014, p. 299 apud, CRENSHAW, 2004, p. 10).

As mulheres de cor são sempre colocadas em posições subalternas, como se elas não possuíssem a capacidade de assumir um cargo importante. Mas por que elas não podem assumir o mesmo cargo que uma mulher branca? Será que elas não possuem a mesma capacidade? Podemos medir a capacidade do ser humano baseado na cor de sua pele?

Vivemos em um mundo rodeado de preconceitos no qual a cor da pele vale muito mais do que educação e aptidão, nosso valor é medido a partir disso, como aponta Lélia González (1984, p. 230): “Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego, é uma categoria “branca”, unicamente atribuível à “brancas” ou “clarinhas”). E quando mulheres negras possuem um cargo importante ou um bom poder aquisitivo são facilmente confundidas com a empregada doméstica ou com a auxiliar de limpeza da empresa, pois o lugar de uma preta é em qualquer cargo que seja de subserviência. Como aponta ainda Lélia González (1984, p. 226): “Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados”.

Além disso, as negras são esquecidas e deixadas sozinhas com os filhos, que acabam sendo criadas sem um pai. Elas são desprezadas em todos os aspectos e precisam então lutar

sozinhas em busca de uma vida digna, ir à procura de alimentos e vestimentas para suas crianças, através de um trabalho escravo, trocando o cuidado com sua família, para cuidar dos brancos, ou sendo coletora, entre outras “profissões” que elas exercem para sobreviver, pois o custo de vida é muito alto e o dinheiro que elas ganham é insuficiente para o básico.

Além disso, através da fala de Lélia percebemos como essas mulheres vivem desamparadas e sozinhas:

Mas é justamente aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. (GONZÁLEZ, 1984, p. 231).

A vida de uma mulher negra e solitária não é fácil. Ao vermos a luta de tantas mulheres de cor percebemos a desigualdade. Por que é sempre uma mulher negra que possui o serviço mais pesado? Somente as brancas podem ser tratadas como “mulheres”? Ressalto a fala da escravizada Sojourner Truth:

Aquele homem diz que as mulheres precisam ser ajudadas a entrar em carruagens, erguidas para passar sobre valas e receber os melhores lugares em todas as partes. Ninguém nunca me ajudou a entrar em carruagens, a passar por cima de poças de lama ou me deu qualquer bom lugar! E eu não sou uma mulher? Olhem pra mim! Olhem pro meu braço! Tenho arado e plantado, e recolhido em celeiros, e nenhum homem poderia me liderar! E não sou uma mulher? Posso trabalhar tanto quanto e comer tanto quanto um homem – quando consigo o que comer – e aguentar o chicote também! E eu não sou uma mulher? Dei à luz treze filhos, e vi a grande maioria ser vendida para a escravidão, e quando eu chorei com minha dor de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! E eu não sou uma mulher? (TRUTH, 1851 apud DALCASTAGNÈ, 2014, p. 298-299).

Nessa fala, Truth nos mostra como a mulher negra é diferenciada da mulher branca, podendo realizar trabalhos pesados, funções masculinas. Ela também não é digna do tratamento que a sociedade dedica à mulher branca.

3 A MULHER NEGRA E MARGINALIZADA NAS OBRAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS

As escritoras Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, por meio de suas obras e experiências de vida, contribuem significativamente para a discussão e compreensão da condição da mulher negra no Brasil. Ambas abordam temas como racismo, pobreza, desigualdade, resistência e resiliência em suas obras, trazendo, assim, a realidade de diversas mulheres negras e mostrando as experiências delas na sociedade brasileira.

Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida como Conceição Evaristo, é uma renomada escritora e linguista, ela nasceu em Belo Horizonte, no ano de 1946. Vem de uma família humilde e numerosa, morou em favela com sua mãe, padrasto e irmãos. Sua mãe sempre a incentivou na leitura de livros. Conceição trabalhava como empregada doméstica e conciliava o emprego com os estudos.

Formou-se e passou em concurso para magistério em 1973. Em 1990 se formou no curso de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Anos mais tarde cursou mestrado e em 2011 concluiu seu doutorado. Ao longo de sua carreira recebeu diversos prêmios e reconhecimentos, dentre eles o prêmio Jabuti, que é uma das maiores premiações literárias no Brasil.

Iniciou sua carreira como escritora em 1990, quando escreveu para os “Cadernos Negros”. Sua obra mais conhecida é o romance *Ponciá Vicêncio*, que foi publicado no ano de 2003. O livro narra a história de uma mulher negra que luta por sua identidade e liberdade em um contexto de opressão racial logo após o fim da escravidão. A obra de Conceição que iremos abordar é o livro de contos *Olhos d’água*, que foi publicado em 2014. Essa obra é uma coletânea de contos que explora a vida de mulheres negras que vivem nas periferias. Cada conto possui uma narrativa única, mas todas elas dialogam entre si, trazendo sempre o mesmo tema central, que é a experiência dessas pessoas negras que vivem em uma sociedade assolada pelo preconceito racial, pobreza e violência.

Através de suas histórias, Evaristo traz uma visão poderosa das lutas e conquista dessas pessoas, destacando a voz e a experiência que muitas vezes são marginalizadas dentro da sociedade e, como reflexo disso, na literatura, temos um cânone brasileiro composto majoritariamente por personagens e autores brancos, além disso Conceição não conseguiu uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, refletindo a invisibilidade que a sociedade tenta impor para escritoras negras e que trazem assuntos persistentes. *Olhos d’água* é uma obra que

desperta diversas reflexões acerca de questões raciais e sociais, pois traz aos leitores a realidade vivida dentro das favelas, que muitas pessoas não imaginam como realmente seja.

Quatro contos de Conceição Evaristo foram escolhidos: “Duzu-Querença”, “Maria”, “Ana Davenga”, e “Olhos d’água”. Nessas narrativas, podemos observar a representação da dura realidade enfrentada por muitos habitantes de favelas, incluindo mulheres que, para escapar da pobreza, se veem obrigadas a recorrer à prostituição ou a se envolver com homens que levam uma vida criminosa, mães que criam seus filhos sozinhas, mulheres sofrem pela falta de acesso à educação e, sobretudo, pela persistente presença da fome.

Carolina Maria de Jesus foi uma escritora brasileira que viveu uma vida marcada por desafios e superações. Ela nasceu no dia 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento, também em Minas Gerais. Ela vem de uma família pobre que vivia em condições financeiras difíceis, moravam na zona rural. No ano de 1914, Carolina se mudou para São Paulo, em busca de melhores oportunidades de emprego e de uma vida mais digna. Já em São Paulo ela se instalou em uma das áreas mais pobres da cidade, na favela do Canindé.

Carolina era mãe solteira, teve 3 filhos. Viveu durante muitos anos na favela, em condições precárias, em um barraco de madeira, durante muito tempo enfrentou a fome, o frio, a falta de saneamento básico e a violência. Criou seus três filhos sozinha, trabalhando como catadora de papelão para sobreviver e conseguir o mínimo para os filhos. Para esquecer um pouco da vida atribulada que vivia, começou a escrever em cadernos velhos que encontrava no lixo. Em suas escritas ela fazia registros sobre a vida na favela, sobre seus vizinhos, suas lutas diárias, reflexões pessoais e sobre o esquecimento em que vivem os favelados.

Em 1960, Audálio Dantas, um jornalista, descobriu os cadernos de Carolina, se impressionou com sua escrita e prometeu ajudar a publicar seu diário, resultando no livro *Quarto de despejo – diário de um favelada*. A obra se tornou um sucesso, não apenas no Brasil, mas internacionalmente, e foi traduzida em 14 idiomas. Ela se tornou uma autora reconhecida e continuou a escrever e publicar outros livros, como *Casa de alvenaria*, *Diário de Bitita*, entre outros. Sua escrita tinha foco em questões sociais, raciais e em experiências de pessoas marginalizadas. Carolina faleceu na cidade de São Paulo aos 62 anos de idade. Ela foi um exemplo de superação, resistência e resiliência. Com uma escrita única e sincera, trouxe à tona realidades muitas vezes negligenciadas das pessoas que viviam nas favelas.

O livro de Carolina que iremos abordar nesse trabalho é o *Quarto de despejo*, uma obra que traz um relato autobiográfico, escrito em forma de diário, descrevendo a vida da autora na favela do Canindé, na década de 1950. Encontramos um retrato impactante e honesto da pobreza

e das dificuldades enfrentadas por ela e seus três filhos em condições de extrema precariedade. O livro é composto por anotações diárias, escritas em linguagem simples e direta, e revela sua luta constante por sobrevivência e dignidade.

A autora descreve as condições insalubres de sua habitação, onde ela e seus filhos vivem em uma situação deplorável, sujeitos à fome, à falta de higiene e ao frio. Narra suas batalhas diárias por comida, trabalho e roupas para seus filhos. Ela se desdobra para sobreviver em uma realidade de extrema escassez e desemprego. Carolina também comenta sobre as relações na favela, os vizinhos, as brigas e os momentos de solidariedade entre os moradores. Ela destaca as tensões raciais e a discriminação que enfrenta como mulher negra e pobre. Apesar das adversidades, ela não perde a esperança e encontra força na escrita. Ela sonha em publicar seus escritos e melhorar a vida de sua família.

4 UMA DISCUSSÃO SOBRE AS PROXIMIDADES E DIFERENÇAS ENTRE AS ESCRITAS DE CAROLINA MARIA DE JESUS E CONCEIÇÃO EVARISTO

Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo são duas escritoras importantes da literatura brasileira, especialmente por abordarem temas relacionados à negritude, pobreza e desigualdade. Em suas escritas podemos encontrar diversas semelhanças, mas também algumas diferenças. Enquanto Carolina é mais conhecida por sua escrita no gênero diário, fazendo uso de um vocabulário mais direto, pesado, de uma forma crua e realista, Conceição escreve principalmente ficções, incluindo romances e contos, utilizando uma linguagem mais explicitamente poética e literária.

Elas também escrevem em épocas diferentes, Conceição é uma escritora contemporânea, trazendo as complexidades da vida urbana e afro-brasileira nas décadas mais recentes e Carolina escreve no período de 1950 a 1960, mostrando a realidade nas favelas de São Paulo daquela época. Mas apesar da diferença de época suas obras dialogam bastante.

Tanto Carolina quanto Evaristo abordam questões sociais e raciais em suas obras. Elas exploram o racismo, a pobreza, a discriminação e a desigualdade, destacando a difícil realidade enfrentada pela comunidade negra no Brasil. Ambas as autoras dão voz às experiências das mulheres negras, ressaltando as complexidades da inserção social negra e feminina. Destacam a resiliência e a força das pessoas negras diante das adversidades e a capacidade de superar os desafios e manter a dignidade em situações difíceis.

Ao discutirmos as obras de Carolina e Conceição, identificamos diversas temáticas compartilhadas. Enquanto Evaristo utiliza suas narrativas para apresentar histórias do mundo real por meio da ficção, Carolina retrata a difícil realidade de sua vida nos dias árduos na favela do Canindé. As narrativas de Conceição e Carolina entram em diálogo ao abordarem temas emergentes.

No entanto, surgem distinções na abordagem literária dessas autoras, apesar de possuírem semelhanças nas temáticas abordadas, elas se diferem quando se trata da forma de escrita. Na escrita de Carolina não é utilizada a norma culta, pois a escritora era uma mulher favelada que não teve a oportunidade de concluir seus estudos. Mas essa limitação não abala a profundidade de sua escrita, e Carolina sempre seguiu em frente utilizando a linguagem que estava ao seu alcance.

Notamos a força e persistência de Carolina por não desistir do seu sonho de ser uma escritora, apesar de todos os empecilhos que rodeavam seu meio. Sobre a escrita de Carolina, assim Conceição explica:

Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. E, em se tratando de um ato empreendido por mulheres negras, que historicamente transitam por espaços culturais diferenciados dos lugares ocupados pela cultura das elites, escrever adquire um sentido de insubordinação. Insubordinação que pode se evidenciar, muitas vezes, desde uma escrita que fere “as normas cultas” da língua, caso exemplar o de Carolina Maria de Jesus, como também pela escolha da matéria narrada. A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para “ninar os da casa-grande”, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos. (EVARISTO, 2020, p. 53/54)

Evaristo traz essa fala sobre a escrita de Carolina, que, ferindo a norma culta, incomodou de diversas formas, pelas temáticas abordadas e pela utilização do vocabulário a seu alcance. Por um lado, muitos acusaram Maria de Jesus de não ser escritora pela forma como escrevia e pelos temas não típicos da literatura que explorava, pois, ao trazer a dura realidade dos moradores da favela, causou desconforto entre a elite, que sempre resistiu em encarar a verdade e a realidade sobre a qual se sustenta. Por outro lado, durante muito tempo a poesia e o lirismo de sua escrita foi apagado pelas transgressões à língua oficial.

Carolina possuía uma escrita curta e grossa, ela não enfeitava suas palavras, sendo bem direta em suas falas. Contudo, diante das limitações impostas por seu ambiente, como poderia escrever de maneira convencional, como ela usaria uma norma padrão de escrita se não teve a devida oportunidade de estudo? Sua realidade era dura e cheia de desafios, faltava alimento e apoio, e, quando alguém sente a dor da fome diariamente, são esses relatos que possui para transmitir, ela traz relatos de suas vivências que não são fáceis. Apesar de ter sido uma grande escritora, Carolina não teve o devido reconhecimento, por ser uma mulher negra, pobre e favelada. Mesmo conseguindo vencer os obstáculos e não desistir do seu dom de escrita, as pessoas e as críticas sempre tentaram diminuir sua escrita ou localizá-la em um lugar periférico do cânone.

Conceição Evaristo, possui um rico vocabulário, pois é uma mulher negra que conseguiu concluir seus estudos e ingressar em uma universidade, fazendo graduação, mestrado, doutorado. Apesar de escrever sobre as mesmas temáticas que Carolina, ela tem uma poesia bastante explícita em sua escrita, como notamos no seguinte trecho do livro *Olhos d' água*:

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. (EVARISTO, 2018, p.18-19)

Evaristo consegue fazer uso de uma linda poética em sua escrita, fazendo com que o leitor venha a suspirar com suas belas palavras, apesar de ser um conto triste. Diante disso,

notamos que cada uma delas possui sua forma diferente de escrita e de impacto, pois tiveram oportunidades diferentes. Mas, para ambas, a escrita é a salvação para seus dias turbulentos, para ambas a escrita veio trazer acalento.

Conceição 2020 relata como foi seu processo de escrevivência, iniciado desde os dias em que sua mãe desenhava com um graveto no chão, e como ela foi crescendo e se desenvolvendo, conseguindo ajudar muitas crianças ao seu redor com suas aulas de reforço. Com seus ganhos comprava livrinhos e gibis que eram as opções que estava ao seu alcance. A escrita trouxe vida para essas mulheres, a oportunidade de conseguir, ao mesmo tempo, expor a realidade que vivenciaram e nela se inserir.

Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também, desde aquela época, abarcava essas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se, inconscientemente, desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de autoafirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra. (EVARISTO,2020, p.53.)

Evaristo revela neste trecho como, desde sua juventude, ela discernia o que estava disponível para ela como mulher negra e pobre. A leitura e a escrita tornaram-se os meios pelos quais ela enfrentou os desafios impostos, simultaneamente inserindo-se na sociedade e trazendo à tona a realidade frequentemente oculta. Através de sua escrita, Evaristo ilustra as experiências das mulheres negras, reafirmando cada observação pessoal. Carolina, de maneira semelhante, expõe corajosamente as dificuldades enfrentadas por uma mulher negra e residente de uma favela. Apesar das diferenças entre as épocas em que Evaristo e Carolina escreveram, a persistência do preconceito evidencia que, mesmo ao longo dos anos, pouco mudou.

5 A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NA SOCIEDADE E NA LITERATURA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E CAROLINA MARIA DE JESUS

5.1 A empregada doméstica

No conto “Maria”, nos deparamos com uma protagonista que enfrenta a responsabilidade de criar seus três filhos sozinha, sustentando-os por meio de seu trabalho como empregada doméstica. Após um dia de festa na casa de sua patroa, ela recebe as sobras de comida para levar para casa, juntamente com uma gorjeta. Com gratidão, Maria aproveita a oportunidade para pegar alguns ossos de pernil que seriam descartados pela patroa e um melão. Isso a enche de alegria, pois é a primeira vez que seus filhos terão a chance de experimentar melão, e ela também planeja usar a gorjeta para comprar medicamentos e um “tody”.

Embora cansada, mas feliz, Maria embarca em um ônibus para retornar para casa. Ao seu lado, um homem se senta, e ela logo reconhece o pai de seu primeiro filho. Os dois iniciam uma conversa, Maria sente uma saudade profunda, não apenas dele, mas da ideia de ter um parceiro ao seu lado e um pai para ajudar a criar seus filhos.

Logo depois, no interior do ônibus, um homem anuncia um assalto. Surpreendentemente, este homem está acompanhado do ex-companheiro de Maria. Eles procedem a coletar os pertences de todos os passageiros, exceto os de Maria, que permanece intocada. Ao descerem do ônibus, um dos passageiros acusa Maria de ser cúmplice, pois seus pertences não foram roubados. Ela se defende alegando que não tinha qualquer envolvimento no assalto. No entanto, a situação se deteriora rapidamente quando o grupo de passageiros parte para cima de Maria, submetendo-a a um ataque brutal, com chutes, pisões e até mesmo ferimentos causados por facas e objetos cortantes.

A vítima desse terrível ataque é uma simples trabalhadora que apenas desejava chegar em casa e testemunhar a primeira experiência de seus filhos ao experimentarem melão. Com essa tragédia o conto chega ao fim, com uma trabalhadora inocente perdendo a vida de forma trágica.

Neste conto, percebemos como existem diversas Marias por aí, mulheres que são vítimas de injustiças, abandonadas a criar seus filhos sozinhas. Elas se esforçam enormemente, trabalhando duro por salários miseráveis, enfrentando a dor da fome. Essas narrativas trazem à tona a triste realidade enfrentada por tantas mulheres que se veem em situações semelhantes.

Um primeiro aspecto é o fato de ser empregada doméstica, que reflete as condições de uma grande parte da população negra em empregos subalternos. As mulheres negras enfrentam

consistentemente desvantagens em diversos aspectos da vida em comparação com seus pares brancos, abrangendo áreas como educação, emprego e relacionamentos. Essa disparidade é atribuída principalmente ao preconceito racial, onde, conforme observado por González (2020 p. 35) diz: “Quando se trata de competir no preenchimento de posições que implicam recompensas materiais ou simbólicas, mesmo que os negros possuam a mesma capacitação, os resultados são sempre favoráveis aos competidores brancos”.

É destacado que, embora as mulheres negras possuam frequentemente as mesmas habilidades ou até superiores, sua colocação no mercado de trabalho é prejudicada pela ênfase injusta na “boa aparência” durante entrevistas de emprego. A pele negra muitas vezes não é considerada esteticamente atraente por algumas empresas, que favorecem um padrão de beleza associado à pele clara e cabelos lisos, impondo assim um critério de seleção que perpetua desigualdades. A vivência em ambientes menos favorecidos amplifica ainda mais esses desafios, levando a uma diminuição percebida da capacidade da mulher negra, simplesmente devido à sua identidade racial e condição socioeconômica.

As mulheres negras arcam com todo o peso da discriminação de cor e de gênero, e ainda mais um pouco, sofrendo a discriminação setorial-regional-ocupacional que os homens da mesma cor e a discriminação salarial das brancas do mesmo gênero (LIMA. M. et al, 2013, p. 57, apud Soares, 2000, p. 51)

Observamos que as mulheres negras frequentemente enfrentam desigualdades na sociedade devido à combinação de sua cor de pele e gênero. Quando conseguem empregos, muitas vezes estão em setores subalternos, recebendo salários inadequados. Além disso, essas mulheres precisam equilibrar suas responsabilidades profissionais com as tarefas de cuidado da casa e dos filhos, mesmo quando são também as provedoras do lar.

A rotina dessas mulheres é exaustiva, especialmente quando trabalham em casas de terceiros, cuidando das tarefas domésticas dos empregadores e, ao retornar para casa, enfrentam a necessidade de realizar as mesmas atividades novamente. Em algumas situações, as mulheres negras são as principais responsáveis pelo sustento da família, pois os homens negros, especialmente aqueles que residem em favelas, são estigmatizados como marginais pela sociedade.

Enquanto as mulheres brancas lutam pelo direito de trabalhar, as mulheres negras enfrentam uma realidade de trabalho precoce e precário. Essa carga dupla de ser mulher e negra ao mesmo tempo cria um peso significativo, refletindo as profundas desigualdades que persistem em nossa sociedade.

No início do conto, a situação de subalternidade é mostrada e denuncia-se, ainda, a falsa

caridade, ou o alento para a consciência, da patroa branca. “No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. O osso, a patroa ia jogar fora.” Conceição (2018 p. 41) revela a negligência e o desdém das pessoas que têm recursos, pois em vez de oferecerem ajuda significativa, como cestas com alimentos de qualidade, um salário digno ou oportunidades para as empregadas alçarem melhores empregos no futuro, elas optam por dar restos de comida. Esse gesto, longe de ser generoso, é um ato de desrespeito e humilhação, perpetuando a difícil situação das mulheres que vivem em condições precárias.

Uma passagem que marca profundamente é quando Conceição 2018 p.41 diz: “As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?”, esse trecho ressalta como um alimento que nos parece simples e comum, como o melão, pode representar um mundo de possibilidades para crianças que frequentemente enfrentam a escassez de alimentos básicos, como arroz, feijão, entre outros. Isso ilustra a dura realidade enfrentada por inúmeras famílias que residem em favelas, onde a falta de recursos básicos é constante, e, ao mesmo tempo, nos mostra os anseios íntimos dessas pessoas por bens que não acessam e que para o restante parece supérfluo, como se o importante fosse apenas não faltar a comida básica, o arroz e feijão.

Conceição, por meio de sua narrativa, apresenta Maria não apenas como uma empregada doméstica, mas como uma mãe dedicada, preocupada com a educação de seus filhos. O conto destaca momentos significativos, como seria a experiência das crianças ao experimentar um melão pela primeira vez. A autora ressalta o cuidado de Maria ao escolher o fruto e a expectativa de proporcionar algo novo aos filhos. A literatura dá voz a essa mulher, não lhe relegando apenas a uma estatística de mulher negra e empregada doméstica.

Busca-se mostrar ao leitor a subjetividade única de Maria, enfatizando que sua história é singular, assim como as de outras mulheres abordadas em seus contos. Cada personagem é apresentada com características distintas, destacando a singularidade de suas experiências. Mesmo enquanto enfrenta seu leito de morte e é vítima de um linchamento, Maria mantém seu foco exclusivamente nos filhos. Seu pensamento está totalmente dedicado a como transmitir a mensagem enviada pelo pai às crianças. Maria pondera sobre a felicidade que as crianças experimentarão ao receber um simples melão e reflete sobre o destino que as aguarda no futuro. Ela se preocupa intensamente com quem cuidará delas após sua partida.

Através da habilidade poética de Conceição Evaristo, o retrato de Maria vai além da imagem de uma mulher negra e subalterna, revelando as profundezas de seu ser e as complexidades de suas emoções.

5.2 A prostituição

Temos, ainda, um outro exemplo de inserção social violenta na personagem Duzu, uma mulher idosa que vivia nas ruas. Ao longo da narrativa do conto “Duzu-Querença”, Duzu revive lembranças de sua infância e juventude. Quando ainda era uma garota, sua família a trouxera para a cidade em busca de uma oportunidade de emprego e educação. Seu pai reconhecia seu talento para a leitura e seu comprometimento, e ele desejava proporcionar à filha uma chance de ter uma vida melhor.

Ao chegar à cidade, ela passou a residir na casa de uma senhora por muitos anos, uma residência vasta com inúmeros quartos. Sua tarefa consistia em executar os afazeres mais árduos pela casa, incluindo tarefas como lavar, limpar e passar roupas. Certa vez, Duzu se esquece de bater na porta antes de entrar em um quarto e se depara com uma cena de uma mulher deitada nua sobre um homem. Embora confusa com a visão, Duzu sente uma estranha atração pela cena, o que a levou a decidir não seguir mais a regra de bater à porta. A partir desse momento, ela passou a testemunhar inúmeras cenas semelhantes, até finalmente compreender que aquele lugar era, na verdade, um prostíbulo. A revelação a faz entender o motivo pelo qual as mulheres ganhavam tanto dinheiro ali, enquanto ela própria nunca conseguiu reencontrar seus pais ou prosseguir com seus estudos. Atraída pelo potencial financeiro, Duzu decide entrar para a mesma profissão, e assim sua vida toma um novo rumo.

Sua história nos relata o abandono infantil da criança negra e a sexualização precoce de seus corpos, uma sexualização que atravessa a identidade da mulher negra, como parte inclusive da “cultura brasileira”.

A profissão de mulata é exercida por jovens negras que, num processo extremo de alienação imposto pelo sistema, submetem-se à exposição de seus corpos (com o mínimo de roupa possível), através do “rebolado”, para o deleite do voyeurismo dos turistas e dos representantes da burguesia nacional. Sem se aperceberem, elas são manipuladas, não só como objetos sexuais mas como provas concretas da “democracia racial” brasileira; afinal, são tão bonitas e tão admiradas! Não se apercebem de que constituem uma nova interpretação do velho ditado racista “Preta pra cozinhar, mulata pra fornicar e branca pra casar”. (GONZÁLEZ, 2020, p. 46)

Por um lado, percebemos como são limitados os lugares e contextos em que os corpos negros são desejados. Vemos que as mulheres negras são ocasionalmente “admiradas” em certas épocas do ano, como o carnaval, quando recebem elogios, muitas vezes provenientes de homens com interesses sexuais. Essas mulheres são frequentemente percebidas com olhares carregados de desejo, ecoando, por outro lado, em padrões históricos nos quais, desde tempos antigos, as mulheres negras eram exploradas para satisfazer os desejos sexuais dos senhores

casados com mulheres brancas. Desde o passado escravista, eram submetidas a relações forçadas, uma prática que persiste até os dias atuais, onde algumas ainda são manipuladas e utilizadas para trair a confiança de homens em busca de satisfação pessoal.

A sociedade frequentemente associa a mulher mulata ao estigma da prostituição, perpetuando a ideia de que o papel da mulher negra é primariamente voltado para a satisfação sexual masculina. Isso contribui para a percepção prejudicial de que essas mulheres são intrinsecamente inferiores e destinadas exclusivamente a servir e satisfazer os desejos dos outros, relegando-as a posições de subserviência. Enquanto as brancas continuam sendo as parceiras idealizadas para o casamento e maternidade, por serem mulheres meigas, com traços finos, cor de pele e cabelo ideal, até na maternidade as mulheres negras são excluídas, quando homens rejeitam a ideia de filhos mestiços.

González nos explica como tal histórico marca a percepção cultural que temos das mulheres negras:

Enquanto mucama, cabia-lhe a tarefa de manter, em todos os níveis, o bom andamento da casa-grande: lavar, passar, cozinhar, fiar, tecer, costurar e amamentar as crianças nascidas do ventre “livre” das sinhazinhas. E isso sem contar com as investidas sexuais do senhor branco que, muitas vezes, convidava parentes mais jovens para se iniciarem sexualmente com as mucamas mais atraentes. Desnecessário dizer o quanto eram objeto do ciúme rancoroso da senhora. Após o trabalho pesado na casa-grande, cabia-lhes também o cuidado dos próprios filhos, além da assistência aos companheiros chegados das plantações, engenhos etc. quase mortos de fome e de cansaço. (GONZÁLEZ, 2020, p. 42)

Assim, o trabalho da prostituição mantém-se equivalente ao da empregada doméstica no sentido de manutenção da subalternidade da mulher negra.

5.3 A mulher negra e o mundo do crime

Em “Ana Davenga”, Conceição Evaristo mais uma vez aborda a situação de fragilidade dessas mulheres, agora no contexto do envolvimento com o crime, que é um cenário comum na vida dos habitantes de favelas. No conto, Ana, uma jovem mulher que está prestes a completar 27 anos, espera com ansiedade e nervosismo a chegada de seu parceiro, Davenga, uma figura temida de liderança no morro. Este aniversário é especialmente significativo para Ana, pois era o primeiro que ela celebraria em sua vida.

Ana conhecera Davenga em um bar e rapidamente passara a viver ao seu lado. Apesar de sua origem humilde e da reputação perigosa de Davenga, que já cometera assassinatos e diversos roubos, Ana não demonstra medo. A união com ele representa uma melhora em sua qualidade de vida, mas também expõe a complexa realidade de muitas pessoas nas favelas que

se envolvem com indivíduos perigosos em busca de melhores condições de vida. É uma alternativa à condição permanentemente subalterna de Maria.

No momento presente do conto, ele prepara uma festa surpresa para a mulher, e é o último a chegar, deixando-a apreensiva, com o medo de receber más notícias, como sua possível morte. Quando ele finalmente chega, ela fica aliviada e radiante de alegria. Todos os convidados se divertem na festa. Ao término da comemoração, o casal se deita e conversam.

No entanto, de repente a porta é arrombada e dois policiais invadem a casa. Davenga, tomado pelo medo de ser preso, reage de forma desesperada usando a arma que mantinha escondida. Nesse momento, ele consegue eliminar um dos policiais, mas acaba perdendo a própria vida, e ambos são mortos no confronto. Ao final da tragédia, Ana é encontrada sem vida, com a mão sobre a barriga, protegendo o filho que carregava em seu ventre, uma cena angustiante que encerra a narrativa de forma lamentável.

Cenas como essas são recorrentes em comunidades carentes, onde mulheres inocentes frequentemente perdem a vida. Essas mulheres, muitas vezes, se encontram em situações difíceis devido à falta de oportunidades, em busca por uma vida mais digna e diante das limitadas opções disponíveis, elas se veem confrontadas com a difícil escolha entre permanecer em situações de exploração ou, como frequentemente é dito, optar por um caminho mais “fácil”.

Ana Davenga, que apresenta a figura de uma mulher solitária, apesar da presença de um companheiro em sua vida. Ela vive uma existência permeada pela solidão e incerteza, constantemente angustiada pelo temor de perder esse homem. Há também a preocupação com a maternidade iminente, ponderando sempre sobre o que o futuro reserva para seu filho, que crescerá em meio a circunstâncias desafiadoras e violentas. Ana é uma mulher que se inseriu no mundo do tráfico na tentativa de escapar das condições precárias em que vivia anteriormente. Após atingir a maioridade, ela experimenta pela primeira vez uma comemoração de um aniversário.

Conceição Evaristo revela toda a subjetividade de Ana, uma mulher preocupada e angustiada, que antecipa o sofrimento por meio do medo do futuro, tanto em relação ao filho quanto ao companheiro. Essa narrativa apresenta a complexidade emocional que destaca as tensões e desafios enfrentados por uma mulher imersa em um contexto marcado pelo tráfico e pela busca por melhores condições de vida..

Quando a Conceição 2018 p. 30 traz esse trecho, “Ana Davenga não havia esquecido, mas também não sabia por que lembrar. Era a primeira vez na vida, uma festa de aniversário.”, é evidente que, ao longo de sua vida, Ana nunca teve uma única celebração de aniversário. Isso

se deve ao fato de que ela enfrentou uma vida de privações, carências e em muitos momentos lutou contra a miséria. A história de Ana reflete a realidade de muitas pessoas que vivem à margem da sociedade, esquecidas e negligenciadas. Eventos que são considerados comuns e rotineiros para alguns podem ser extraordinários e inimagináveis para outros.

Aqui cabe destaque ainda que, em diversos momentos de seus textos, Conceição nos mostra a proximidade com o mundo do crime como uma das poucas formas de “ascensão social” para as pessoas negras. No conto “Duzu-Querença”, ela nos mostra, através dos netos de Duzu, o envolvimento de menores no mundo do crime.

Duzu entrou em desespero no dia em que soube da morte de Tático. Ele havia sido apanhado de surpresa por um grupo inimigo. Era tão novo! Treze anos. Tinha ainda voz e jeito de menino. Quando ele vinha estar com ela, passava às vezes a noite ali. Disfarçava. Pedia a benção. Ela sabia, porém, que ele possuía uma arma e que a cor vermelho sangue já se derramava em sua vida. (EVARISTO, p. 37, 2018)

As crianças mais jovens acabam se envolvendo no universo do crime devido à sobrecarga de trabalho de suas mães, que não conseguem supervisionar a rotina de seus filhos devido à solidão em que se encontram. Essas mulheres enfrentam o desafio de criar seus filhos sozinhas e, para fazê-lo, precisam deixá-los em casa enquanto vão em busca de alimentos, roupas e calçados. Dada a insegurança do ambiente na favela, essas crianças são atraídas para o mundo do crime com a esperança de proporcionar uma vida melhor para suas famílias, mas, infelizmente, muitas vezes acabam perdendo sua inocência e, em casos trágicos, suas próprias vidas.

5.4 Acesso à educação

Destacamos que, no conto “Duzu-Querença”, a figura de Querença, uma jovem dedicada e inteligente, determinada a transformar sua vida, estudar e seguir um caminho diferente. Ela aparece no conto nos últimos momentos da vida de Duzu, quando esta confecciona um vestido de papelão para aproveitar o Carnaval. Após desfrutar da festa, ela retorna à calçada onde vivia, descansa em seu leito e parte ao sol do meio-dia. Mais tarde, a neta Querença encontra sua avó sem vida, sob o sol escaldante, e, muito abalada, promete seguir com seu sonho de levar uma vida diferente.

Esse conto é bem marcante, pois engloba diversos temas, incluindo prostituição, exploração de menores, envolvimento de crianças com o mundo do crime, miséria, fome, trabalho escravo, privação dos estudos. Uma vida dura enfrentada desde a infância, uma criança que teve seu futuro roubado, pois o pai, vendo a oportunidade de proporcionar uma vida melhor com educação para a filha, a entrega para uma desconhecida que engana a menina, e ela nunca

mais consegue ver os pais e muito menos estudar. Mas termina de uma forma otimista ao mostrar a vontade e a consciência de Querença em ter uma vida melhor através dos estudos. Isso, porém, nem sempre acontece. Mesmo quando tem estudos, as mulheres negras continuam em desvantagem socialmente:

Os negros estão fortemente concentrados nas ocupações da indústria tradicional e nos serviços gerais, sendo que o acesso à educação é um dos principais fatores de produção dessa desigualdade. Entretanto, mesmo quando eliminadas as diferenças educacionais, os negros ainda apresentam desvantagens, principalmente no acesso às melhores posições ocupacionais, demonstrando que há uma distribuição desigual de indivíduos no mercado de trabalho e um dos fatores dessa desigualdade é a cor (LIMA. M. et al, 2013, p. 56, apud Lima, 2001, p. 152).

Assim, já temos a precariedade e as dificuldades do acesso à educação¹. E, mesmo quando esse acesso existe, a cor da pele se mantém como um empecilho à busca por melhores empregos e condições. Entendemos que a cor é um dos maiores obstáculos enfrentados pela população negra, principalmente pelas mulheres.

Nesse sentido do elo entre Duzu e Querença e a dificuldade de ruptura dentro das famílias com os destinos das mulheres negras, temos o conto “Olhos d’água”, que mostra uma mulher que tenta recordar a cor dos olhos de sua mãe sem sucesso. Ao longo da narrativa ela vai fazendo uma retrospectiva de sua infância e das dificuldades que sua família enfrentava, em especial sua mãe, que batalhava para criar as sete filhas. Em momentos que a fome apertava e não tinham nada para comer a mãe inventava brincadeiras para distrair as filhas da dor da fome, brincavam com as nuvens fingindo que era algodão doce, deixava as filhas fazerem-na de boneca, mas no fundo a menina sabia que tudo era para amenizar a sensação de vazio causada pela fome que elas sentiam.

Ela se recorda dos dias chuvosos em que a mãe temia que o barraco onde viviam desabasse e dos momentos de tristeza que sua mãe enfrentou. Eventualmente, ela toma a decisão de retornar à sua cidade natal com a esperança de finalmente enxergar a cor dos olhos de sua mãe. Quando chega, é recebida pela mãe em prantos, com os olhos marejados de lágrimas, e assim percebe a cor dos olhos de sua mãe: eles eram da cor da água. Chama a atenção, no final do conto, o fato de os próprios olhos da filha também, como nos revela a pergunta, desta vez,

¹ De acordo com Lelia que traz dados do Censo: O Censo de 1950 foi o último a nos fornecer dados objetivos, indicadores básicos relativos à educação e aos setores de atividade econômica da mulher negra. O que então se constatava era o seguinte: nível de educação muito baixo (a escolaridade atingindo, no máximo, o segundo ano primário ou o primeiro grau), sendo o analfabetismo o fator dominante. Quanto às atividades econômicas, apenas 10% trabalhavam na agricultura e/ou na indústria (sobretudo têxtil, e em termos de Sudeste-Sul); os 90% restantes concentrados na área de prestação de serviços pessoais. (GONZÁLEZ, 2020, p. 44)

da filha/neta, serem aquosos, molhados, mostrando uma relação de ancestralidade, tristeza e continuidade entre os destinos dessa mulher, mesmo a filha já tendo melhores condições.

O que vemos é a dificuldade de acesso às condições de melhoria de vida. Além das questões relacionadas ao emprego, a população negra enfrenta significativas barreiras no acesso à educação superior, conforme apontado por Sotero (2013, p. 47) “Obviamente, ainda que possa haver similaridades, a posição que mulheres brancas ocupam na alocação por carreiras no ensino superior é, na maioria das vezes, melhor que a de mulheres negras e homens negros”. Essa disparidade evidencia mais uma instância em que as mulheres negras são sistematicamente colocadas em desvantagem em diversos aspectos da sociedade.

Muitas mulheres negras enfrentam dificuldades significativas para concluir sequer o ensino fundamental, quanto mais ingressar em uma universidade. As barreiras são diversas e multifacetadas, incluindo desafios como jornadas extenuantes de trabalho, muitas vezes em empregos domésticos que demandam longas horas e deslocamentos precários, como o uso de transporte público. O custo associado ao transporte, por vezes, torna-se um obstáculo intransponível.

Essas realidades distintas e injustas se traduzem em mulheres negras, mesmo quando conseguem ingressar na universidade, muitas vezes são em áreas de menor prestígio social. Este cenário reforça a necessidade urgente de abordar e combater as desigualdades estruturais que perpetuam tais disparidades educacionais.

Observamos um preocupante déficit educacional entre as mulheres negras, refletido em altas taxas de analfabetismo e baixa conclusão dos estudos, especialmente entre aquelas que residem em favelas. O acesso limitado à educação é agravado pela dificuldade de deixar os filhos à noite para frequentar a escola, uma vez que as favelas enfrentam sérios desafios de segurança. Essas mulheres já enfrentam o dilema de deixar seus filhos sozinhos durante o expediente de trabalho, em um ambiente desprovido de segurança, sujeito a tiroteios iminentes. Além disso, há o risco de que as crianças sejam atraídas para o mundo do crime, na busca por uma vida supostamente melhor para suas famílias. Conhecemos os destinos trágicos que muitos jovens enfrentam ao se envolverem com atividades criminosas.

5.5 A fome

Uma das temáticas mais presentes na literatura de nossa pesquisa é a miséria. Em “Olhos d’água”, notamos a triste realidade de diversas pessoas quando Conceição narra:

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos

balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. (EVARISTO, p.17, 2018.)

São essas as residências de milhares de famílias que vivem no esquecimento nos altos morros das favelas, são casas sem saneamento básico, energia, barracos de madeira, e em fortes dias de chuvas muitos vêm a desabar. Além de tudo essas mães precisam de criatividade como a mãe do conto de Conceção 2018 p. 17, “Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.” Quantas mães existem por aí tentando tomar atenção de seus filhos para esquecerem um pouco da fome, mulheres que deixam de comer para dar o pouco que tem para seus pequenos?

Em outro exemplo, o conto “Duzu-Querença” se inicia com este trecho:

Duzu lambeu os dedos gordurosos de comida, aprovei tando os últimos bagos de arroz que tinham ficado presos debaixo de suas unhas sujas. Um homem passou e olhou para a mendiga, com uma expressão de asco. Ela lhe de volveu um olhar de zombaria. O homem apressou o passo, temendo que ela se levantasse e viesse lhe atrapalhar o caminho. Duzu olhou no fundo da lata, encontrando apenas o espaço vazio. Insistiu ainda. Diversas vezes levou a mão lá dentro e retornou com um imaginário alimento que jogava prazerosamente à boca. (EVARISTO, p. 33, 2018)

Uma mulher faminta, que busca ansiosa por restos de comida nos resíduos, sonhando com um simples alimento. Enquanto ela procura, um homem que passa por perto testemunha a cena e expressa desprezo. Esse é o cotidiano comum das mulheres que vivem nas ruas ou dependem da coleta de materiais recicláveis para sobreviver. Infelizmente, as pessoas que têm a capacidade de oferecer ajuda frequentemente escolhem manifestar repulsa. Como é enfatizado em quase todos os contos, a dor da fome é uma rotina na vida dessas mulheres e de seus filhos. Elas enfrentam uma luta diária pela sobrevivência, demonstrando força e resistência, apesar de estarem sozinhas nessa batalha.

Ao abordarmos a população negra, observamos que ela frequentemente se encontra em situação de desvantagem em diversos aspectos, sendo a carência alimentar um fator recorrente enfrentado por essa comunidade.

De todas as famílias que passam fome no Brasil, 39,5% são chefiadas por mulheres negras. Essa desvantagem aparece também no recorte dos lares chefiados por pessoas com oito anos ou mais de estudo. A falta de alimentos foi maior quando uma mulher negra estava à frente: 33%.²

Nessa estatística da Rede Brasil Atual, evidenciamos a carência alimentar enfrentada em lares chefiados por mulheres negras. A questão da fome emerge como um tema persistente nas narrativas de Carolina, que, ao longo de sua vida na favela do Canindé, constantemente se

² Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/pesquisa-mostra-que-fome-e-maior-em-lares-chefiados-por-mulheres-negras/>

preocupava com a garantia de refeições para seus três filhos. A população negra em geral, especialmente os residentes em favelas, enfrenta significativas dificuldades alimentares devido à escassez de empregos com salários dignos, à ausência de apoio político, como a distribuição de cestas básicas, e à necessidade de se virar com recursos limitados. Em muitos casos, recorrem a fontes alternativas, como busca em latas de lixo e restos de ossos com pouca carne nos frigoríficos. Carolina Maria também destacou que os proprietários desses estabelecimentos, por vezes, contaminavam intencionalmente os restos para impedir a coleta por parte dos coletores.

No livro *Quarto de Despejo*, Carolina Maria de Jesus relata sua própria experiência de vida, revelando uma trajetória marcada por intensas adversidades, incluindo o sofrimento, o desprezo, a solidão, a fome, o preconceito racial e a precariedade da existência. Carolina descobriu na escrita de seu diário uma válvula de escape diante das duras circunstâncias que enfrentava. Embora não tenha tido a oportunidade de concluir sua educação formal, ela sempre nutriu um apreço pela leitura e pela escrita. Em seu diário, Carolina documentava minuciosamente os eventos do seu cotidiano como catadora de materiais recicláveis, os aspectos da vida de seus vizinhos e as dificuldades que enfrentava na criação de seus filhos

Ressalto o trecho em que Carolina inicia seu diário.

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos gêneros alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remedei para ela calçar. (JESUS, 2007, p.11)

Quando a autora menciona que eram dependentes dos custos de vida em 1955, percebemos que essa realidade permanece inalterada atualmente. Muitas pessoas, como Carolina, continuam incapazes de adquirir um par de sapatos para seus filhos, uma vez que estão presas a empregos mal remunerados que as forçam a fazer uma difícil escolha entre alimentação e vestuário. Carolina vivia desse modo, coletando resíduos nos contentores do centro da cidade, deixados por aqueles que se consideravam superiores. Ela recolhia uma variedade de itens e encontrava felicidade quando conseguia recuperar algo para reciclar ou consertar, já que, dadas as condições em que vivia, o dinheiro não era suficiente para garantir alimentação, roupas ou calçados novos.

Diante dos inúmeros relatos de Carolina, predominante é a descrição da dor da fome, é assim a vida dos favelados, eles lutam contra a fome, lutam para não morrerem ao recolher alimentos do lixo. Percebemos quão desumanas são algumas pessoas quando a autora relata o seguinte trecho:

Percebi que no Frigorífico jogam creolina no lixo, para o favelado não catar a carne para comer. Não tomei café, ia andando meio tonta. A tontura da fome é pior do que a dor do álcool. A tontura do álcool nos impele a cantar. Mas a da fome nos faz tremer. Percebi que é horrível ter só ar dentro do estomago. (JESUS, 2007, p. 45)

São indivíduos com o poder de oferecer ajuda e aliviar a fome dos residentes da favela, no entanto optam por contaminar a comida para evitar que eles a colem. Carolina sai para trabalhar em um estado de extrema fome, pois prioriza alimentar seus filhos, demonstrando que, apesar de todas as adversidades, ela é uma mãe dedicada e se esforça ao máximo para proporcionar o melhor para seus filhos. A fome é algo tão presente na vida dessa mulher que as vezes ela se desanima e perde a vontade de viver. Carolina 2007 p. 33 diz, “Levantei nervosa. Com vontade de morrer. Já que os pobres estão mal colocados, para que viver?” São constantes relatos como esse em sua obra, a vida é tão dura para ela e para todos aqueles que vivem em seu meio que muitos perdem mesmo a vontade de continuar vivendo diante essas circunstâncias.

Carolina 2007 p. 31, “Os meus filhos estão sempre com fome. Quando eles passam muita fome eles não são exigentes no paladar.” As crianças dela se contentavam com o pouco quando passavam muito tempo sem alimentação, pois, como relata a mulher, as assistências sociais da cidade não os ajudavam, moradoras de lugares como o que ela viva eram esquecidos em todos os aspectos. Quando conseguiam comprar arroz e feijão, eles se alegravam demais, pois naquela época, assim como atualmente, arroz e feijão estavam custando um valor inacessível para pessoas carentes.

O sonho de Carolina sempre foi sair daquele lugar, pois ali ela não tinha alegria. Assim Carolina 2007 p. 32 classificava o local no qual vivia: “Eu classifico São Paulo assim: O palácio, é a sala de visita. A prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.”, usando metáforas ela rotulava os habitantes da favela como "lixos", pois estavam abandonados, lançados à margem da sociedade, sem qualquer amparo governamental. Os políticos só adentravam na favela em períodos eleitorais, e na atualidade nada se alterou. Eles fazem promessas e permitem que as pessoas sonhem alto, mas, assim que conquistam o poder, esquecem aqueles que os elegeram.

Carolina possuía uma imensa vontade de sair da favela, e até sonhava com esse momento.

Passei uma noite horrível. Sonhei que eu residia em uma casa residencial, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que a muito tempo ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era lava ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. (JESUS, 2007, p. 40)

Durante toda sua escrita conseguimos notar o desprezo que ela sente pela favela, uma vez que lá enfrenta uma vida de escassez, sofrendo com a fome e a falta de uma moradia digna

e confortável. O local adequado para viver é na cidade, onde as pessoas são tratadas com humanidade e não como seres desfavorecidos. É uma mulher com um desejo tão simples, anseia por saborear batatas fritas com bife e salada, algo que na favela se torna um luxo inalcançável, pois comprar gordura e verduras é uma impossibilidade.

Carolina expressa incansavelmente a realidade da fome em seus escritos. A dor da fome é uma presença constante em sua vida diária, e a forma como ela aborda esse tema é profundamente impactante, causando uma impressão duradoura na alma de seus leitores. Carolina busca provocar um impacto significativo, consciente de que a fome é uma questão relevante para toda uma população que enfrenta diariamente essa privação. Ao afirmar que o mundo deveria ser governado por alguém que já passou fome, ela procura chamar a atenção de maneira contundente, destacando a urgência de resolver esse problema dentro da sociedade.

Para Carolina 2007 p. 06, a fome tem uma cor específica, é amarela, uma representação que enfatiza que esse tema não pode ser esquecido de forma alguma. Ela compartilha relatos impactantes sobre como a fome mata, e mata por maldade. Após Jesus 2007 p. 41 testemunhar a morte de um jovem morador de rua que consumiu carne contaminada, Carolina passa a evitar alimentos deixados por outras pessoas, revelando sua indignação e tristeza diante da crueldade humana, que contaminaria intencionalmente alimentos para privar aqueles que sofrem de fome.

Assim como Conceição, Carolina aborda de maneira única as nuances de sua vida na favela, concentrando-se em um tema crucial como a fome. Ela ressalta a gravidade desse problema, afirmando que a tontura causada pela fome é pior do que a induzida pelo álcool, pois a do álcool incita as pessoas a cantar, enquanto a da fome provoca tremores, e ter somente ar no estômago é uma sensação terrível. Carolina defende toda uma sociedade por meio de sua literatura, elevando a voz contra a injustiça alimentar e expondo a dura realidade enfrentada por aqueles que vivem na escassez.

Além disso, Carolina 2007 p. 65 expressa com orgulho a cor de sua pele e a textura de seu cabelo, destacando suas características como mulher negra. Ela manifesta um apreço genuíno por sua identidade, afirmando que, se tivesse a oportunidade de nascer novamente, escolheria ser negra, pois o cabelo da mulher negra, ao contrário do cabelo de pessoas brancas, é obediente onde é colocado fica. Essa perspectiva reflete sua apreciação por ela mesma, por sua identidade. E sua literatura permite que vislumbremos essa singularidade, para além de sua condição subalterna.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As literaturas discutidas em nosso trabalho abordam uma realidade que atravessa décadas, com as mulheres negras continuamente sendo subjugadas. Essa não é uma questão recente; elas persistem sendo relegadas às cozinhas das elites, recebendo remunerações inadequadas e enfrentando humilhações diárias por parte de seus empregadores. Além disso, ainda são vítimas de abuso de poder, com patrões que se sentem no direito de assediar essas mulheres. Enfrentam dificuldades de acesso à educação e aos bens mais básicos da sociedade.

Essas razões reforçam a afirmação de que as mulheres negras vivem em desvantagens, uma vez que são subjugadas há muitos anos. Apesar disso, persistem na busca por uma vida melhor, enfrentando o preconceito racial que perdura de forma mascarada na sociedade, mas está presente em todos os lugares. Buscamos destacar como a literatura tem desempenhado um papel fundamental ao trazer à tona as questões sociais e as condições impostas à mulher negra pela sociedade. Ao mesmo tempo, ela reconfigura e chama a atenção do leitor para a singularidade das experiências e a subjetividade de cada uma dessas mulheres. Essa literatura torna-se transformadora, capturando a atenção dos leitores e da sociedade para os problemas emergentes, apresentando personagens únicas que provocam uma reflexão profunda sobre essas realidades.

Cada uma dessas mulheres é singular, e a literatura permite que olhemos de forma atenta para cada uma dessas questões, proporcionando aos leitores uma imersão nos contextos apresentados e permitindo que sintam o desconforto e a dor por meio das narrativas. Representar essas mulheres negras na literatura é um ato significativo, desafiando a predominância do cânone brasileiro, que historicamente foi branco e masculino. Agora, autoras e personagens negras estão sendo incluídas nesse cânone, tornando-se agentes transformadoras na sociedade ao dar voz a essas experiências. Essa inclusão possibilita uma nova perspectiva sobre as mulheres negras, destacando-as na literatura e proporcionando uma oportunidade crucial de reconhecimento e representação.

REFERÊNCIAS

- DALCASTAGNÈ, R. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na literatura brasileira contemporânea. *SciELO*, Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (44), p. 289–302, ago. 2014.
- EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro:Pallas Míni, 2018.
- GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos. P. 223-244, Brasília: ANPOCS, 1983.
- GONZÁLEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Apud. GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: UFRGS, 2009. Apud. MYNAIO, M. C. S. (org). Pesquisa social: teoria , método e criatividade, Petrópolis: Vozes, 2001.
- JESUS, Carolina Maria de. Quarto de despejo: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2007.
- LIMA. M. Articulado Gênero e Raça. Brasília: Ipea, 2013. P. 57. Apud. SOARES, S. S. D. O perfil da discriminação no mercado de trabalho – Homens negros, mulheres brancas, mulheres negras. Brasília: Ipea, 2000. p. 26.
- MARCONDES. M. M. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil [et al.].- Brasília: Ipea, 2013. 160 p.
- Rede Brasil. 2023. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/pesquisa-mostra-que-fome-e-maior-em-lares-chefiados-por-mulheres-negras/>
- SOTERO. E. C. Transformações no acesso ao ensino superior brasileiro: algumas implicações para os diferentes grupos de cor e sexo. In. Et all. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil - Brasília: Ipea, 2013. 160 p.